

## **Alessandro Valignano: “o progresso” da Companhia de Jesus nas Índias Orientais**

Célia Cristina da Silva Tavares  
UERJ/FFP

Desde o início de sua existência, os jesuítas tiveram uma grande preocupação em registrar a história de seus atos e muitas vezes as trajetórias de seus mais ilustres representantes. Esse hábito permite ao historiador de hoje explorar um vasto material deixado pela Companhia de Jesus sobre os seus membros. *Histórias* da missão promovida pelos jesuítas na Ásia, África e América foram produzidas pelos inicianos contemporâneos dessa aventura e muitas delas se preocuparam em destacar alguns nomes que eram considerados dignos de distinção. Por exemplo, existe uma significativa produção de *histórias* desenvolvidas pelos padres da Companhia de Jesus para o caso do Oriente. No próprio século XVI apareceram obras que consolidavam as experiências e observações dos jesuítas sobre as regiões com as quais entraram em contato na Ásia. Dois bons exemplos são as obras dos padres Giovanni Pietro Maffei, *Historiarum Indicarum* (1589) e João de Lucena, *Historia da vida do padre Francisco de Xavier: e do que fizeram na Índia os mais religiosos da Companhia de Iesu* (1600), cujo principal objetivo era apoiar a proposição de canonização de Francisco Xavier.

Aliás, esse é um aspecto que deve ser levado em consideração quando se estuda a Companhia de Jesus: a preocupação em desenvolver uma espécie de memória sobre determinadas figuras que recebiam um tratamento de hagiografia, pois muitas vezes esses textos eram usados como peças pertencentes a um processo de canonização. Portanto, o historiador que trabalha com as biografias produzidas pelos jesuítas tem que ter muitos cuidados ao analisá-las.

Além das *histórias* e dos textos que beiravam as hagiografias, havia também uma série de outros registros deixados pelos jesuítas que podem servir como peças de construção de determinadas trajetórias de vida dos religiosos: registros sobre os

serviços prestados, os obituários e principalmente as próprias cartas que eram produzidas em profusão pelos inicianos, inspirados pelas orientações do fundador Inácio de Loyola que havia determinado que esse tipo de comunicação devia ser promovido com disciplina pelos membros da ordem. Desse vasto material o historiador pode retirar inúmeras informações para empreender seus estudos.

Assim, utilizando todas essas fontes, o estudioso da Companhia de Jesus pode desenvolver uma série de biografias desse grupo com o intuito de perceber melhor a rede de relações que existiam entre aqueles nomes que geralmente aparecem em listas de “expedição” ou “catálogos de irmãos”. Trata-se, é claro de enorme trabalho, provavelmente impossível de ser feito por apenas um historiador, mas sim por um grupo de especialistas. É verdade também que existe um bom número de biografias já desenvolvidas seja pela própria Companhia de Jesus, seja por historiadores e outros estudiosos desses personagens históricos<sup>1</sup>. Um trabalho importante seria, então, recolher o máximo de informações que esses estudos já proporcionaram e relacioná-los com alguma questão específica que agregasse vários personagens, como no caso de um debate desenvolvido em uma determinada época.

A título de exemplo desse tipo de esforço, foi escolhido para a presente comunicação o caso do padre Alessandro Valignano. Nome de grande destaque na ação da Companhia de Jesus no Oriente, já foi objeto de estudo de alguns historiadores, havendo inclusive recentes biografias sobre ele<sup>2</sup>. No espaço proporcionado por esse encontro, não se poderia explorar todos os aspectos de tão variada trajetória de vida. Portanto, escolhi fazer um resumo de sua vida e levemente explorar uma discussão importante que envolve a ação reguladora que exerceu para o desenvolvimento das missões jesuíticas no Oriente, especialmente sua visão sobre a possibilidade de se incluir pessoas de origem asiática nos quadros da Companhia de Jesus.

Alessandro Valignano pertencia a uma nobre família napolitana que possuía ligações como o papa Paulo IV. Nasceu em 15 de fevereiro de 1539, em Chieti, no

reino de Nápoles que então era possessão espanhola. Estudou direito em Pádua completando o doutoramento com 19 anos. Tonsurado em 1557 foi em seguida para Roma na esperança de obter proteção do papa amigo da família, mas com a morte de Paulo IV, retornou a Pádua e desenvolveu novos estudos em 1561. No ano seguinte foi acusado de ter ferido no rosto uma mulher e apesar de provas pouco fundamentadas, foi condenado e ficou preso em Veneza, tendo sido liberado pela intervenção do cardeal Carlo Borromeo, que, além disso, o teria indicado a um cargo em Roma.

Lá nessa cidade, Valignano optou por entrar na Companhia de Jesus aos vinte sete anos em 1566, no noviciado de S. Andréa ao Quirinal, tendo depois estudado filosofia no colégio de Roma. Foi ordenado em 1570 e logo indicado ao posto de mestre dos noviços do colégio de Roma e posteriormente reitor do colégio de Macerata. O geral Mercuriano então o designou, em 1573, ao cargo de visitador da Província Jesuítica da Índia e ele parte para Goa depois de fazer o quarto voto solene e com ordens de “inspecionar, e se necessário reorganizar, as estruturas e métodos das missões através da Ásia, e nesta capacidade era responsável apenas perante o Geral da ordem”<sup>3</sup>. A viagem foi longa e obedeceu à regra do padroado português, pois Valignano passou por Lisboa para ir ao Oriente<sup>4</sup>. A expedição contava com quarenta e dois religiosos, sendo nove portugueses, oito italianos (inclusive o próprio Valignano) e vinte cinco espanhóis<sup>5</sup>.

Como visitador da Província da Índia (1574-1595) e do Japão e China (até 1606) e Provincial de Goa (1583-1587), foi o responsável por uma série de deliberações e sistematizações da estrutura administrativa da ordem, tendo contribuído também para a consolidação das missões no Japão e na China, para onde foi em várias expedições. Como exemplo da importância de sua atuação pode-se lembrar que foi Valignano que designou Mateo Ricci para a missão na China e apoiou o estilo de missionação inaugurado por esse jesuíta e que no futuro gerou tantas polêmicas e debates dentro e fora da Companhia de Jesus. Foi um superior que

trouxe uma série de tensões também, em contrapartida, pois muitas das suas decisões sofreram duras críticas<sup>6</sup>. Morreu em Macau em 1606.

Dauril Alden ao comparar Valignano com Francisco Xavier ressalta que o primeiro não é o missionário devotado que foi o “apóstolo do Oriente”, mas destaca a qualidade de administrador do italiano e o legado escrito que deixou em volumosos relatos, cartas e até mesmo na forma de livro<sup>7</sup>.

Alguns exemplos podem ser apresentados aqui a título de ilustração da sua atuação como administrador zeloso e com profundo senso prático.

Em 1588 Valignano reuniu no “Sumário das regras para o provincial da Índia” uma orientação geral do governo da Província da Índia e lá fez uma série de recomendações sobre temas que estavam em debate naquele momento. Um deles era a questão do sentido prático das necessidades materiais para a sobrevivência da ação missionária:

ainda que na regra diz: «os nossos não se metam em negócios seculares», todavia quando estes se endereçam a negócios espirituais para bem da cristandade e conversão e mais ajuda das almas, se podem com licença dos superiores tratar alguns deles pelos nossos, negociando-os em modo conveniente e religioso, sem prejuízo de ninguém [...]<sup>8</sup>.

Outro debate em que Valignano interferiu para estabelecer uma norma foi sobre a questão do uso ou não da violência nos procedimentos de conversão dos gentios.

para tirar todo escândalo e razão de murmurar aos gentios, se há-de procurar que para os converter se lhe não faça nenhuma força direta ou indiretamente, advertindo todavia que, enquanto se trata de não fazer força aos gentios, não se deixem os meios que são lícitos e convenientes para ganhar suas almas. Por onde bem os podem fazer batalotes ementes estão presos se sem perigo de suas almas não se pode esperar para depois que estão livres<sup>9</sup>.

A ressalva final do visitador abria brecha a interpretações sobre a questão do “perigo” que corriam aquelas almas, o que podia permitir e justificar ações que ao final desconsiderassem a recomendação inicial do não uso de força na conversão. De

qualquer forma, a proposição estava afinada com as recomendações diocesanas que tinham proibido terminantemente o uso da violência.

Além de ser possível ver muitas opiniões do visitador em suas cartas e instruções, há um espaço valioso para análise das opiniões de Alessandro Valignano, em seu livro *História del principio y progreso de la Compañia de Jesús en las Índias Orientales (1542-1564)*. O livro está dividido em duas partes, a primeira escrita em espanhol e a segunda em português, e foi terminado por volta de 1605<sup>10</sup>, mas foi trabalho de muitos anos.

Em 1574 Valignano recebeu a incumbência do Geral Mercuriano de fazer um relato das coisas dignas de nota sobre a obra jesuítica na Índia. Para tanto, Valignano, com seu poder de Visitador, convocou todos os jesuítas do Oriente a lhe enviar cópias ou resumos dos trabalhos que cada um desenvolvia, além dos registros de memória sobre a obra de Francisco Xavier. Reuniu ainda os registros feitos pelos padres da Companhia nas suas cartas para consolidar a narrativa do livro. Praticamente toda a primeira parte é dedicada à figura de Francisco Xavier, com algumas características de hagiografia – tais como recorrentes transcrições de predições, premonições, curas, a preservação do corpo após a morte, entre outros elementos –, com objetivo de sustentar sua santificação, que estava em processo na cidade de Roma<sup>11</sup>, como já foi dito acima.

O relato procurava também mostrar as diversidades de culturas asiáticas, assim como o papel desempenhado pelos portugueses. Há considerações até mesmo sobre a soberania do rei de Portugal no Oriente, como pode ser visto na seguinte passagem: “o rei de Portugal [...] é absoluto senhor deste mar da Índia”<sup>12</sup>. É notável sua percepção contemporânea de que o domínio português restringia-se ao mar e não à terra no Estado da Índia. Valignano fez ainda uma detalhada transcrição de usos e costumes de chineses e de japoneses, chamando os últimos de “gente branca”, considerando-os melhores do que os outros povos do Oriente, opinião compartilhada com a do próprio Francisco Xavier<sup>13</sup>. Essa questão já havia sido tratada nas instruções

do visitador de 1584, já citadas acima, quando definiu as regras sobre o aproveitamento de naturais do Oriente nos quadros da Companhia de Jesus. Sobre isso Valignano afirmou que:

os cristãos naturais da terra de qualquer nação que sejam, excetuando os japões, não se admitam na Companhia [...] não somente os naturais da terra, mas também os mestiços e castiços parece que será mais seguro não receber nenhum de ordinário [...] e quanto aos castiços portugueses nascidos em Índia não se devem receber senão mui raramente [...]<sup>14</sup>.

Esse foi um debate importante e crucial para a Companhia, e em certa medida, para a afirmação do clero no Oriente, pois, com a c

No entanto, havia outras opiniões entre os jesuítas: o padre Nicolau Lanciloto, por exemplo, referindo-se aos indianos, considerava que “a gente desta terra não é menos aguda do que é a nossa, nem é menos capaz de ciência e doutrina do que nós outros somos; e por isso é certo que se aplicassem os meios humanos devidamente, se faria nestas partes grandíssima cristandade”<sup>15</sup>.

É importante notar que a formação do clero nativo deve ser analisada sob um ângulo contraditório. Não havia restrição a serem formados clérigos de origem indiana ou mestiça, mas as restrições de carreira existiam. Charles Boxer indica:

[...] os portugueses na Índia estavam preparados para educar candidatos indianos e mestiços ao sacerdócio secular, mas mantiveram-nos em posições estritamente subordinadas como sistema de política eclesiástica e colonial, e recusaram sem apelo deixá-los tornarem-se jesuítas, dominicanos, franciscanos ou agostinhos inteiramente responsáveis<sup>16</sup>.

Em geral, as ordens religiosas hesitaram inicialmente em obstar a entrada de indianos e de mestiços, mas com o tempo acabaram por recusar qualquer admissão desse tipo.

No caso dos jesuítas, a recomendação para a proibição da entrada de nativos na ordem foi feita por Valignano, com a notável exceção dos japoneses – os “brancos do Oriente” –, segundo suas próprias palavras. O Geral da Companhia adotou a posição de Valignano, que passou a ser a da própria Companhia de Jesus, que

permitiu apenas a entrada de japoneses, a princípio, e depois a de chineses e coreanos<sup>17</sup>.

Somente na segunda metade do século XVIII as ordens religiosas estabelecidas no Oriente adotariam uma postura mais flexível em relação à admissão dos orientais.

Esse foi um debate importante e crucial para a Companhia, e em certa medida, para a afirmação do clero no Oriente, pois, com a consolidação da proibição da entrada de naturais asiáticos nas ordens religiosas criou-se uma tensão muito interessante: por um lado, formava-se um clero secular de origem asiática, por outro, não havia postos na hierarquia eclesiástica que assimilassem todos e as ordens religiosas não puderam contribuir para a utilização desses clérigos em projetos missionários. Assim, ao longo do século XVII alguns conflitos ocorreram no Oriente decorrentes dessa tensão e precisam ser estudados.

Com esse breve exemplo exposto aqui, pode-se começar a pensar em se desenvolver um núcleo de estudos que relacione os jesuítas dessa geração e dessa região administrada pela Companhia de Jesus, que sofreram a influência das ações e determinações de Valignano, pretendendo-se identificar algumas questões: primeiro, se houve mesmo um método “italiano” de missionação que esteve em conflito com um outro método, o “português”, e segundo, se é possível ver as disputas ocorridas entre os jesuítas como decorrentes de uma característica de diferenças nacionais que existiriam entre os inicianos. São questões sem respostas ou com respostas ainda tênues e talvez a forma de se aproximar delas seja entender melhor esses personagens através de suas biografias e da compreensão da rede de relações, com suas implicações de disputa política, afinidades de entendimento do mundo e identidades de formação. Com certeza é um trabalho para muitos, mas que merece ser iniciado, e aqui se expôs uma proposta inicial. Apenas isso.

---

<sup>1</sup> Há aqui incontáveis trabalhos que poderiam ser citados. À guisa de exemplo, pode-se referir a introdução de José Wicki na publicação do livro de autoria de Alessandro Valignano (entre outras que o

---

próprio Wicki desenvolveu) Alessandro Valignano. *História del principio y progreso de la Compañía de Jesús en las Indias Orientales (1542-1564)*. Ed. Josef Wicki. Roma: *Institutum Historicum S. I.*, 1944 e no livro de Jean Lacouture. *Os jesuítas: os conquistadores*. Porto Alegre: L&PM, 1994.

<sup>2</sup> Alguns estudos recentes são J. F. Moran. *Japanese and the jesuits*: Alessandro Valignano in Sixteenth Century Japan. London: Routledge, 1992; M. Antoni J. Üçerler. Alessandro Valignano: man, missionary, and writer In: *Renaissance Studies*. v. 17, september 2003. p. 337-366; Augusto Luca. *Alessandro Valignano: la missione come dialogo con i popoli e le culture*. Bologna: EMI, 2005.

<sup>3</sup> Michael Cooper. *Rodrigues, o intérprete: um jesuíta português no Japão e na China do século XVI*. Lisboa: Quetzal editores, 2003. p. 55.

<sup>4</sup> Esse breve resumo do início da vida de Valignano pode ser visto em Dauril Alden. *The making of an enterprise: the Society of Jesus in Portugal, its Empire, and Beyond*. Stanford: Stanford University Press, 1996. p. 55.

<sup>5</sup> Catálogo dos Padres e irmãos da Companhia de Jesus que foram mandados à Índia Oriental. Ano 1574. In: José Wicki. *Documenta Indica*. Romae: Monumenta Historica Societatis Iesu, 1966. v. 9. p. 238-244.

<sup>6</sup> Charles R. Boxer. *The christian century in Japan: 1549-1650*. Los Angeles/London: University of California Press/Cambridge University Press, 1951. p. 72.

<sup>7</sup> Dauril Alden. *Op. Cit.* p. 55.

<sup>8</sup> José Wicki. *Documenta Indica*. Romae: Monumenta Historica Societatis Iesu, 1979. v. 14. p. 857-858.

<sup>9</sup> “Sumário das regras para o provincial da Índia” In: José Wicki. *Documenta Indica*. Romae: Monumenta Historica Societatis Iesu, 1979. v. 14. p. 874. Batalote significa hindu poluído por quebrar alguma regra de casta segundo Sebastião Rodolfo Dalgado. *Glossário luso-asiático*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1919. v. 1, p. 118.

<sup>10</sup> Alessandro Valignano. *História del principio y progreso de la Compañía de Jesús en las Indias Orientales (1542-1564)*. Ed. Josef Wicki. Roma: *Institutum Historicum S. I.*, 1944.

<sup>11</sup> Houve uma série de intensas negociações para a canonização de Francisco Xavier e outros jesuítas que atuaram em outras regiões além da Ásia. Ver Dauril Alden. *Op. cit.* p. 641.

<sup>12</sup> Alessandro Valignano. *Op. cit.* p. 40.

<sup>13</sup> Alessandro Valignano. *Op. Cit.* p. 126.

<sup>14</sup> José Wicki. *Documenta Indica*. Romae: Monumenta Historica Societatis Iesu, 1979. v. 14. p. 834.

<sup>15</sup> Carta para Inácio de Loyola de Coulão, datada de 29 de outubro de 1552. In: José Wicki. *Documenta Indica*. Romae: Monumenta Historica Societatis Iesu, 1950. v. 2. p. 380-381.

<sup>16</sup> C. R. Boxer. *As relações raciais no Império colonial português – 1415-1825*. Porto: Aforamento, 1988. p. 67.

<sup>17</sup> C. R. Boxer. *The Christian Century in Japan: 1549-1650*. Los Angeles/London: University of California Press/ Cambridge University Press, 1951. p. 81.